# NOVELLAE OLIVARUM



ANO X / OUTUBRO 1952 / N.º 98

# NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI—OLIVAIS

*COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA*

*Director* — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
*Redactores* — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
*Proprietário e Editor* — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
*Administrador* — JOÃO RABUGE GUERRA

**CONDIÇÕES DE ASSINATURA** — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

**Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da Casa Portuguesa —Rua das Gáveas, 103 — Lisboa**


## SUMÁRIO


Abertura—O Director ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 145

Saudação ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 148

O espírito missionário — A. Jorge ... ... ... ... ... ... ... 149

A Igreja Católica na Costa do Ouro — Charles Erb ... ... ... 153

O Centenário de S. Francisco Xavier — Joaquim J. C. Cardoso 159

O Catolicismo nos meios escolares do Japão — A. I. F. ... ... 163

Pela Imprensa estrangeira — A. Jorge ... ... ... ... ... ... 165

Crónica — A. Tavares ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... 167

# E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS
CARVÃO
SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)
EXPORTAÇÕES
TRANSITÁRIOS
ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

# FERREIRINHA

## VINHO PARA MISSAS

**Preparado conforme a norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Pôrto**

**RUA INFANTE D. HENRIQUE**
PÔRTO

**ROSSIO, 93, 2.º**
LISBOA

## JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.DA

**A casa mais antiga do País no seu género**

(FUNDADA EM 1832)

**Rua da Vitória, 82 a 88** — **Rua do Ouro, 166 a 170**

**Lustres — Lanternas — Placas — Castiçais — Lâmpadas — Suspensões**
**Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha**

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS
CASAS DE BANHO
PÁRA-RAIOS

AQUECIMENTO CENTRAL
VENTILAÇÃO
ASCENSORES

ELÉCTRICAS
CONTRA INCÊNDIOS
TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA
EM 1756

# "CENACULO"

# VINHO PARA MISSAS

**com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto**

# REAL COMPANHIA VELHA

PÔRTO — **Rua das Flores, 69**

LISBOA — **Praça dos Restauradores, 14**

**Livraria e Papelaria Moderna**

## Machado & Ribeiro, L.da

**Livraria Católica Portuense**

LARGO DOS LOIOS, 50 — **PORTO** — TELEFONE, 2 5156

**Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros**
**Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos**

Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação, Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50 — Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 — História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00 — Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00 — Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur, 16$00 — Caminho da Perfeição por Santa Teresa de Jesus, 16$00 — Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 — Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr. António Ferreira Pinto, 10$00 — Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00—Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00 — Manual das Noviças, 16$00

**Material escolar** — Peçam catálogos indicando o género de livros

# ABERTURA

*Aquela frase de Bourget, «vivei como pensais, para não acabardes pensando como viveis», ainda não perdeu, nem há-de perder, a sua actualidade.*

*Passou de moda o escritor e psicólogo experimentado, bem como a sua época literária, mas não passaram os pensamentos luminosos que nos deixou.*

*Nos tempos que vão correndo, esta frase é, mais do que nunca, uma advertência muito séria à Sociedade, e dum modo especial aos seus mentores.*

*Ninguém ignora o papel fundamental que as convicções exercem na vida humana. Verdadeiras ou erróneas, são um poderoso impulsionador da vida, marcam um rumo e delimitam um caminho. Por elas se sacrificam a fama, a fortuna, os amigos, a família... São elas que fixam a personalidade.*

*Bourget já notava que nem sempre as acções correspondiam aos ideais, e que havia perigo iminente de uma inversão de valores. Mas, actualmente o mal é maior: é que há muito quem não viva como pensa, precisamente porque deixou de pensar. A norma da consciência individual apagou-se neles e passaram a viver segundo a norma da consciência colectiva, sujeita às flutuações e erros, ditados pelo materialismo da vida cómoda, ou pela maldade do sectarismo.*

*As ideias incomodam, é mais cómodo não contrariar, não opor, não comandar a vida, mas deixar que ela própria comande as ideias. Quando muito segue-se a moral do «sustine et abstine».*

*Assim se chega ao ateismo prático em que as comodidades da vida chegam até a abafar a voz da Lei Natural.*

*É bem profundo o significado do aparecimento da «Nova Moral», que elege para critério de verdade, um subjectivismo egoísta, e bem clara é a advertência do Santo Padre.*

*Não se viver como se pensa, deu no campo religioso, este materialismo, dos baptizados filhos de Deus, desconhecerem ou não quererem conhecer, o caminho da casa paterna.*

*A indiferença chega a ser mais criminosa do que a própria hostilidade.*

*A Mensagem do Evangelho progrediu com as perseguições, e a árvore frondosa da Igreja, embora rudemente podada e recebendo golpes bem fundos em todos os tempos, nunca perdeu essa perpétua juventude de Mística Esposa de Cristo. Não foi sem razão que Graham Greene disse há tempos, que antes queria ver a Igreja à mercê da tirania russa, do que nos favores do capitalismo americano.*

*As facilidades com que a nossa civilização técnica cerca a existência, amorteceram a consciência do valor do homem sobre a máquina, e concomitantemente do primado do Espírito sobre a matéria. A escala dos valores já não é tão evidente.*

*Aos intelectuais cabe a pesada tarefa de acreditar a verdade, criando uma mentalidade sã. À Imprensa pertence divulgá-la, fazê-la penetrar nas massas.*

*É necessário fazer sentir a inutilidade da existência, se um fim nobre a não norteia.*

*É preciso colocar as reformas num plano mais elevado que o da simples melhoria das condições económicas da vida.*

*A sociologia veio despertar no homem o espírito de colaboração com o seu semelhante, mas permitiu que ele se esquecesse da sua própria personalidade. Criou a multidão com os seus direitos, as suas exigências e preferências, mas esqueceu o indivíduo.*

*Conseguiu que o homem se libertasse da escravidão económica, mas sem dar por isso deixou-o cair na servidão espiritual.*

*Há uma necessidade urgente de pôr as multidões a pensar, não só colectivamente, mas cada indivíduo por si. Criar a consciência da responsabilidade individual.*

*Então já se poderá pedir a cada um que viva como pensa, que seja coerente com os princípios professados.*

*À função tão nobre da Imprensa — criar a mística dos grandes ideais — «Novellae Olivarum» se associa, com a modesta parte que lhe compete. Revista de seminaristas, que em breve entrarão na vida a anunciar a Mensagem, ela é um grito de confiança na acção suave mas forte do Espírito Santo na renovação do mundo.*

*Contribuir para um maior conhecimento de Jesus Cristo, para o robustecimento de uma mentalidade cristã, fazer conhecida, amada e vivida a vida íntima da Igreja, através das belezas da sua Liturgia, eis o ideal de quantos até hoje trabalharam em «Novellae Olivarum», e o que nos propomos, assim Deus nos ajude.*

O DIRECTOR

# D. Policarpo Da Costa Vaz

## Bispo Titular de Eurea



*A notícia da nomeação de Sua Ex.ª Rev.ma o Senhor D. Policarpo da Costa Vaz, para Auxiliar de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, veio encher de júbilo o Seminário de Cristo-Rei.*

*Já eram conhecidas entre nós as nobres qualidades de espírito e coração de Sua Ex.ª Rev.ma, por isso, maior foi a nossa alegria.*

*«Novellae Olivarum», revista dos Seminaristas, em nome de todos eles saúda o venerando Prelado e une-se ao coro de acção de graças, que de toda a Diocese se eleva a Deus, por mais esta mercê que acaba de conceder-nos.*

# O espírito missionário

É a manifestação de uma necessidade vital da Igreja o expandir-se por toda a superfície da terra. Sem esforço missionário a Igreja atraiçoaria a mensagem que lhe ficou bem definida nas palavras do Divino Fundador: «Ide *por todo o mundo*. Pregai a Boa Nova *a toda a criatura*».

Animada pelo Espírito Santo, a Igreja nunca poderia atraiçoar a vontade do Fundador. Foi missionária no Império Romano, num tremendo esforço de penetração na sociedade paganizada. Missionária na Alta Idade Média, na dupla tarefa de civilização e cristianização dos Povos Bárbaros. E enquanto a boa semente ia frutificando na cristandade medieval, a Igreja começava já a multiplicar-se em tentativas de expansão para o mundo desconhecido. Segundo os historiadores, alguns filhos de S. Francisco atingiram então as paragens remotas da China e da Mongólia, caminhando ao longo das estepes da Ásia Central . . .

Novas perspectivas se abriram nos séculos esplendorosos da Renascença. Num movimento bem organizado a Igreja levou a Boa Nova ao mundo novo que se ia abrindo pouco a pouco à acção do Evangelho, e assim fecundou as civilizações desconhecidas das Américas e do Oriente.

E hoje em dia, apesar do grande esforço de recristianização de regiões que já receberam a semente do Evangelho, mas onde esmoreceu a vida cristã, a Igreja continua a ser missionária, já mais pròpriamente num sentido de estabilização. Agora é que podemos dizer com verdade que a Palavra de Deus foi anunciada em todas as extremidades da terra.

*
* *

Mas este esforço missionário, que se tem vindo realizando através dos séculos, dá também escoamento a uma necessidade íntima da Igreja.

É uma verdade da Teologia que Deus criou o mundo para a Sua glória, conforme a palavra do Salmista: «Obras do Senhor, bendizei todas ao Senhor».

As coisas criadas bendizem-no pela simples permanência no existir; as criaturas racionais, colocando *deliberadamente* a sua liberdade ao serviço do Criador.

A criatura tem de reconhecer que não encontra em si mesma fim último que a determine. A valorização plena só a encontrará aceitando deliberadamente a sua própria condição de ser criado. Doutra forma, fazendo de si própria a última razão de existir, cai na idolatria do orgulho, destroi-se a si mesma.

E só dando glória a Deus as criaturas são plenamente felizes. Donde se vê que a felicidade das criaturas, não sendo muito embora exigência necessária da omnipotência de Deus-Criador, anda sempre de mãos dadas com a Sua glória.

«A religião não é facultativa. É a forma mais perfeita da justiça. Por ela, o homem toma consciência do seu lugar entre as coisas criadas e diante de Deus: Senhor da matéria e criatura de Deus. Para ser justo, tem de reconhecer que é um ser dependente.

O homem deve alegrar-se de que Deus seja verdade, bondade, justiça, poder, misericórdia (...). Deve agradecer a Deus, louvá-Lo, cantar a Sua glória» (1).

Mas Deus tem direito a ser honrado onde e como o determinar a Sua vontade toda poderosa. E o seu Filho que desceu à terra, fundou a Igreja Católica para operar na terra a salvação de todos os homens.

É certo que a todos aqueles que fazem quanto de si depende, Deus concede sempre as graças suficientes para se salvarem. Nós é que não podemos ficar indiferentes a que eles vivam de uma maneira mais ou menos perfeita. E sobretudo Deus não pode ficar indiferente a que as criaturas Lhe dêem mais ou menos glória, consoante vivam ou não dentro da única comunidade salvadora.

Portanto o esforço missionário exige-o a glória de Deus e a Caridade para com os infiéis, nossos irmãos, a quem levamos a verdade integral.

---

(1) L. J. LEBRET, «Guide du Militant», T. 1.º, Ed. «Economie et Humanisme», Arbresle (Rhône), pg. 56.

O Cristianismo não lhes evitará a luta. Assim como o pagão sente grandes dificuldades em cumprir a lei natural, também para o cristão não é fácil viver de acordo com a doutrina cristã. É a luta de sempre do homem dividido no íntimo de si próprio, solicitado por duas forças que se combatem: o Demónio e a Graça. As dificuldades são proporcionais ao conhecimento. E Deus, quanto mais dá mais exige.

No entanto, nenhuma outra religião conseguiu a plenitude do Cristianismo: ao mesmo tempo que nos mostra a Luz, e a Luz total, dá-nos forças para a seguirmos. A perfeição natural das religiões orientais e até o valor protestativo da Lei Mosaica empalidecem diante das perspectivas admiráveis da Lei Nova que conduz à Luz e à Verdade eternas.

Aos convertidos não vai a Igreja impor uma carga que não sejam capazes de suportar. Mas ao infiel estende ela um braço salvador que o faz sair de si mesmo e lhe realiza o desejo insatisfeito de se ultrapassar, bem vivo no íntimo de cada um de nós.

E então as almas cantam hinos de gratidão ao Senhor que as libertou do erro e as conduziu para a luz. Os homens ficam a ser mais humanos, ficam mais livres, porque conhecem a verdadeira liberdade, a liberdade dos filhos de Deus. E são felizes, plenamente, de uma felicidade diferente da do mundo e que marca para toda a vida os que alguma vez a experimentaram.

*
* *

Numa obra de alto valor teológico, o P.e Henri de Lubac notava que o fim essencial das Missões ainda «não é tanto a conversão dos indivíduos, como o estabelecimento da Igreja, única comunidade de salvação, em terras de infiéis» (2).

E em terras de infiéis a Igreja será uma força viva a irradiar a sua eficiência salvadora por sobre os pagãos. E estes insensìvelmente irão sendo atraídos e aperfeiçoados pela divina energia que dela corre. A Igreja será fonte de graças a saciar os que têm fome e sede de justiça e de verdade e as procuram de há muito por caminhos errados.

---

(2) Henri de Lubac, «Catholicisme». «Aspects Sociaux du Dogme». Col. Unam Sanctam, Paris, 1939, pgs.

É neste sentido que vem integrar-se a actual actividade da Igreja na formação de um clero indígena eficiente, o primeiro passo para uma estabilização que garanta a perenidade da Igreja visível.

E por dois motivos: antes de mais nada, porque o florescimento de vocações nativas é até certo ponto sinal de emancipação, índice de maioridade religiosa. E além disso porque neste fervilhar de nacionalismo e de independência em que vivem as terras de missão, o Cristianismo não correrá tanto o perigo de ser confundido com os «opressores» ocidentais...

Não obstante, este caminhar para a maturidade não é o tocar de trombetas a pôr termo à luta.

Este esforço da Igreja nunca poderá diminuir. Porque muito embora tenha atingido as extremidades do Globo, o certo é que não poderá descansar até abraçar no seu regaço todos os que Deus predestinou para se tornarem santos, «conformes à imagem do Seu Filho».

O demónio há-de continuar a semear a cizânia entre os filhos de Deus até ao fim dos tempos. Mas a luta faz parte da vida cristã. A luta... e as derrotas.

Um notável beneditino inglês escreveu que «a santidade da Esposa de Cristo não é, aqui em baixo, a de uma pureza angélica, mas sim a de um arrependimento amoroso...» (3).

Um organismo que não procura renovar-se está de antemão condenado à morte.

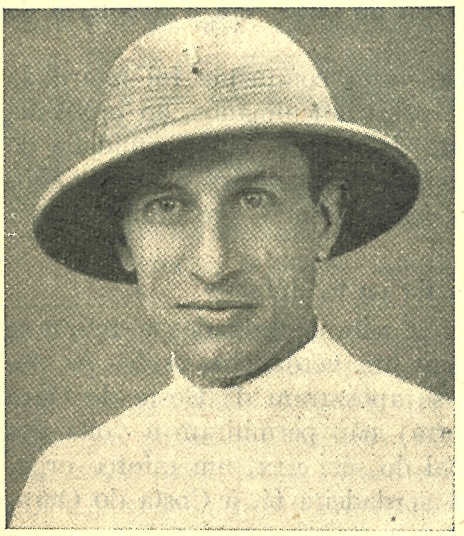
As Missões são como que as células reprodutoras do Corpo Místico, são a Igreja a expandir-se, no esforço por reunir em si todos os que Cristo lhe confiou.

E a luta há-de continuar até ao fim dos tempos, enquanto não se perfizer o número dos eleitos.

A. JORGE

(3) DOM A. VONIER, «L'Esprit et l'Épouse», Col. «Unam Sanctam», Paris, 1948.

# A IGREJA CATÓLICA NA COSTA DO OURO



REV. P.e CHARLES ERB

A realização do Congresso Eucarístico Nacional da Costa do Ouro em Kumasi (Fevereiro de 1950), e a mensagem do Santo Padre vieram chamar a atenção do mundo católico para esse país, seara prometedora da Igreja.

Foi por isso maior o nosso interesse ao tomarmos contacto com o Rev. P.e Charles Erb, missionário americano da S. V. D., professor de História Eclesiástica no St. Mary College de Somenya, que nos deu a honra de ser nosso hóspede.

A sua figura de apóstolo impressionou-nos vivamente, e passamos tempo sem conta analisando o trabalho dos missionários na Costa do Ouro.

Em especial atraiu a nossa atenção, a multiplicidade de organizações para homens, mulheres, jovens e crianças, por eles estabelecidas, e que são sem dúvida um reflexo nítido do sentido prático americano. Tudo faz prever uma eficiente penetração da mensagem cristã nos diversos sectores da vida social.

Sua Rev.a teve a gentileza, que muito agradecemos, de colaborar connosco neste número dedicado às Missões.

*

* *

Com o termo do domínio português na Costa do Ouro, começou a retirada dos missionários católicos. Era-lhes impossível, aos padres, trabalharem numa área dominada pelos calvinistas holandeses do séc. XVII.

Por via de regra, os holandeses não tentaram evangelizar a população africana, pois que se contentaram com fornecer capelães para as diversas necessidades do seu próprio pessoal.

Do ponto de vista da influência cristã no país, a substituição do padre católico pelo frade pregador holandês, foi de um modo geral, uma grande perda (1).

Os primeiros europeus a irem para a Costa do Ouro, foram os portugueses católicos. D. Henrique, o Navegador, mandava expedição após expedição para a África Ocidental.

Diz-se que numa destas expedições (em 1482) se encontrava o descobridor da América, Cristóvão Colombo (2).

Os historiadores estão de acordo em que um dos fins principais das explorações portuguesas (além da procura do ouro) era a expansão do Evangelho na África pagã.

Durante séculos, a conquista deste vasto continente foi retardada devido à ocupação da África do Norte pelos muçulmanos, ao problema dos transportes apresentado pelo deserto do Sahará, e à hostilidade do litoral ocidental. Encontramos Dominicanos, Franciscanos ou Agostinhos em todas as expedições que foram à África Ocidental, procurando trazer o mundo africano à Igreja de Cristo.

Porém, esta tentativa corajosa foi de curta duração.

Quando finalmente os portugueses se viram obrigados a retirar-se (em 1642) as missões católicas sofreram um verdadeiro revés. As potências colonizadoras protestantes que se apossaram da Costa do Ouro (Holanda, Suécia, Dinamarca, Inglaterra) não permitiram a volta dos missionários católicos. Contudo, no final do séc. XIX, um esforço organizado, começou novamente a trazer a verdadeira fé, à Costa do Ouro.

É interessante notar, como foram incluídos em grande número os missionários holandeses, nas forças da Igreja, que vieram reinvindicar o país. A Holanda pelo menos, compensou o pecado dos seus antepassados protestantes.

Achamos justo dizer, que se os portugueses tivessem continuado a governar a Costa do Ouro, ela seria hoje uma nação católica.

Olhando para o passado, parece-nos estar a discernir a acumulação dos obstáculos, antes que fosse possível missionar com êxito a Costa do Ouro. Missionários protestantes (Presbiterianos, Metodistas e da Igreja

---

(1) «The History of the Gold Coast», W. E. F. WARD (acatólico), pág. 74, George Allen and Unwin, Ltd.

(2) «Introducing Africa», CARVETH WELLS, pág. 80, Putnam's, New York.

Inglesa) estiveram virtualmente em campo durante várias centenas de anos.

Presentemente, os católicos enfrentam uma combinação de forças capazes de desencorajar quaisquer, menos os corajosos: o paganismo (animismo) o Maometismo, o Protestantismo (em seitas sempre crescentes) o moderno paganismo materialista, e uma política de governo que se deve classificar de indiferente se não hostil.

Os missionários da Sociedade das Missões Africanas, são os pioneiros do movimento missionário posterior na Costa do Ouro, que começou em 1879. Os Padres Brancos Canadianos, chegaram ao campo virgem dos territórios setentrionais em 1906, antes de quaisquer outros grupos cristãos. Desde essa data a Igreja Católica avançou lentamente, mas com segurança, até que a segunda guerra mundial destruiu as suas linhas de abastecimento da Europa, tendo a Santa Sé lançado uma divisão americana dos Missionários do Verbo Divino, no sector de Accra, calculando sem errar, que o auxílio dos E. U. em homens e dinheiro viria, acontecesse o que acontecesse.

Ao terminar a guerra, notava-se por toda a parte, um forte espírito nacionalista. A Grã-Bretanha pouco podia fazer para impedir que forças aéreas dos E. U. com bases na capital, encorajassem, sem o pretenderem, este movimento. Um certo Dr. Kwame Nkrumah (educado nos E. U. A. e no Reino Unido) surgiu como o chefe esquerdo do centro, desta agitação de governo autónomo. Houve tumultos em Fevereiro de 1948, depois dos quais foram presos o Dr. Nkrumah e outros, mas a Grã-Bretanha curvou-se perante o inevitável, porque leu «o que estava escrito na parede». Em Fevereiro passado soltaram o Dr. Nkrumah, depois do seu partido ter ganho fàcilmente as eleições nacionais, por falta de oposição organizada. Tornou-se o chefe dos Negócios do Governo (equivalente a primeiro-ministro) sob uma nova Constituição, chefiando um governo cujo conselho de ministros é composto por africanos, e três ministros britânicos (Defesa, Finanças e Justiça). Governo completo, autónomo, é ainda o objectivo de todas as secções do pensamento político da Costa do Ouro: uns querem-no para já, outros para mais tarde, mas todos o querem dentro da estrutura da Comunidade Inglesa das Nações (3).

---

(3) A genuina tristeza do povo da Costa do Ouro com a morte do Rei, e o entusiasmo dos cidadãos, à subida ao trono da nova Rainha, são prova do que os chefes têm dito: «eles desejam ficar dentro da família Britânica das nações».

Informado constantemente destas flutuações, o Vaticano tem-se conservado a par dos tempos. Em 1950 o estado das missões da Costa do Ouro era elevado, e os vigários apostólicos foram notificados de que o país devia ter a sua hierarquia própria: um arcebispo e quatro bispos. No próprio momento em que estas mudanças se faziam em Roma, planeavam os chefes católicos da Costa do Ouro, realizar o seu primeiro Congresso Eucarístico Nacional.

É interessante observar que esta grande demonstração de fé em Kumasi, que reuniu cerca de 100.000 católicos, incluindo 26 prelados da África Ocidental, se realizou na mesma semana em que a nova Assembleia Legislativa teve a sua primeira sessão em Accra.

Não revelaremos altos segredos, se mostrarmos as perspectivas que se abrem para a Igreja Católica na Costa do Ouro, e o poder das forças de serviço disponíveis para alcançar os objectivos.

A Igreja Católica tem um objectivo: trazer os quatro milhões e meio de cidadãos da Costa do Ouro, para o verdadeiro rebanho de Cristo.

As mais recentes estatísticas do governo, mostram que o número de católicos é de 309.390, ou seja 47% do total da população cristã, de 641.427. O número é notável, sobretudo se nos recordarmos de que os missionários católicos vieram para a Costa do Ouro já tarde, e se tivermos em conta que se exige para todos um catecumenato de três anos. No entanto não se pode falar em qualquer movimento em massa para a Igreja Católica. O comandante-chefe do exército missionário é o Rev. Arcebispo William T. Porter, SMA, DD, CBE (inglês) com o seu quartel general na Costa do Cabo; os chefes diocesanos são: os Rev. J. C. Holland, SMA, DD (inglês) de Keta; o Rev. H. J. Paulissen, SMA, DD, (holandês) agora administrador-apostólico de Kumasi; o Rev. D. Bertrand, WF, DD, de Tamale (franco-canadiano); e o Rev. R. A. Noser, SUD, STD (americano) de Accra. 176 padres, 18 irmãos e 94 irmãs (não da Costa do Ouro) ajudados por 13 padres africanos, 11 irmãs africanas, 1.250 catequistas, constituem as forças missionárias, empenhadas nesta competição espantosa com o tempo. Além de cuidarem dos católicos e catecúmenos a seu cargo, estes missionários devem ainda conseguir trazer «as outras ovelhas» — os 4.000.000 sem redil — para a Igreja.

Disse o Santo Padre quando se dirigiu ao Congresso Eucarístico de Kumasi, que esperava que os fiéis da Costa do Ouro, viessem a ser dos melhores — Grandes esperanças na verdade.

Quando se consideram as rápidas mudanças políticas, sociais e económicas que se dão no país, então se pode compreender a tarefa gigantesca que a Igreja encara. Os novos cristãos são uma alegria e uma tristeza, e quantas vezes sendo a princípio fonte de edificação e conforto, se tornam uma grande desilusão!

O Dr. Nkrumah, por exemplo, e o Sr. Botsic (Ministro da Educação e Bem-estar Social) supõe-se serem católicos: contudo não fizeram as coisas fáceis para a Igreja na sua recente luta para se obter o auxílio do governo para as escolas religiosas. Em compensação, as forças católicas da Costa do Ouro reuniram-se fielmente ao chamamento dos bispos e por meio de cartazes, telegramas e artigos na Imprensa, fizeram saber ao governo e seus representantes na Assembleia, que a justiça exigia assistência financeira às escolas católicas. Sem esse auxílio seria pràticamente impossível aos católicos, manterem as suas 945 escolas, e os 2.192 professores. Como resultado da acção vigilante dos bispos e dos seus fiéis, todas as escolas religiosas, receberão o auxílio do governo, desde que tais escolas tenham sido autorizadas pelas unidades da autoridade.

Assim se ganhou a primeira volta na luta pela Escola. Os católicos têm ainda outra luta entre mãos: cuidar por que sejam eleitos (em Abril) autoridades locais, com uma atitude amigável para com as escolas das missões.

Deve-se acentuar que a Costa do Ouro apesar de hieràrquicamente constituída, é um país muitíssimo missionário. Ainda durante muitos anos se há-de precisar de homens e dinheiro.

Estamo-nos esforçando por arranjar todo o auxílio africano que for possível. Estamos trabalhando por estimular um clero e uma congregação religiosa nativa.

Aos africanos se pede o auxílio monetário como aos católicos em qualquer parte do mundo: se eles desejam uma nova Igreja, têm de contribuir para essa empresa tentando igualar o auxílio estrangeiro.

Estão a ser introduzidos novos métodos de missão, apresentam-se planos para modernizar e popularizar o Seminário Católico, o «Standard» do Cabo Costa. A Diocese de Accra abriu um moderno Centro de Informações na capital, e está em projecto abrir-se outro.

Semanalmente, a Agência da Imprensa Católica fornece notícias a toda a Imprensa africana do país (18 jornais).

Uma unidade católica móvel, vai de estação em estação exibindo filmes ao povo, dando a conhecer a Igreja e a sua mensagem. De tempos

a tempos realizam-se escolas de Acção Católica: no ano passado para padres, homens, mulheres, e para as catequistas da diocese.

Espera-se que dentro em breve toda a Costa do Ouro possa ser organizada numa base nacional, e que a sua Acção Católica inclua agências de Educação, Informação, Acção Social e organizações seculares e da juventude.

Todos estes projectos, e planos para outros, precisam de dinheiro, mas francamente, não é para isso que os missionários pedem.

As dificuldades da obra missionária provêm do paganismo, e todos os seus subordinados: falta de verdadeira vida de família, poligamia, imoralidade sob várias formas, e do problema da língua: só na diocese de Accra, há quatro línguas vernáculas maiores.

Há ainda a acrescentar as dificuldades causadas pelos velhos costumes, e pela nova situação política, que dão motivo ao africano para esquecer as suas primitivas boas maneiras.

Estas dificuldades têm-nas todos os missionários, quer no mato, quer nas estações de missões.

Para elas pedimos as vossas orações e esmolas (se puderdes dispor delas). Ambas os hão-de encorajar a prosseguir na boa luta, a rirem-se das dificuldades quotidianas e a perseverar até ao fim — até que todos os cidadãos da Costa do Ouro, estejam salvos nos braços da Santa Madre Igreja.

Rev. Charles G. Erb, S.V.D.


## ARTE RELIGIOSA PORTUGUESA

**Destinados à Basílica de Fátima, encontram-se em exposição na Ourivesaria Aliança, um Sacrário-baldaquino e uma Ceia do Senhor, que representam uma realização notável da nossa arte de ourivesaria.**

**A beleza da concepção e a perfeição do trabalho impõem a obra por si e são um testemunho eloquente do valor dos artistas da Ourivesaria Aliança.**

# O Centenário de S. Francisco Xavier

## e a

# Catolicidade da Igreja

Cristo prometeu-nos estar com a sua Igreja, até à consumação dos séculos. E talvez seja pela certeza da vitória que nós, muitas vezes, deixamos enferrujar as armas com que devíamos, mais prontamente, combater o inimigo de Deus. Não pensa, assim, a doce Esposa de Cristo. Na hora em que, sob a acção devastadora de rajadas diabólicas sopram ventos inquietos ameaçando ruínas no seio da Igreja, esta, cujo fulgor de verdades eternas resplandece em luminosa auréola por sobre as trevas e ódios, vai de novo, lembrar ao mundo a sua catolicidade, nas festas comemorativas do quarto centenário da morte do glorioso Apóstolo do Oriente, S. Francisco Xavier.

A catolicidade da Igreja é uma exigência que lhe foi marcada pelo Divino Fundador. O mandato de Jesus Cristo aos Apóstolos está bem patente a nossos olhos: «Percorrei o mundo inteiro, anunciai a boa nova a todos aqueles que encontrardes pelas veredas dos caminhos, administrai o santo baptismo a toda a alma sedenta de verdade e de amor».

Jesus Cristo não conseguira reunir os judeus à sua volta, como a galinha acolhe os pintaínhos debaixo das asas. O povo judeu jamais seria o manso rebanho do Bom Pastor, e as promessas feitas aos velhos Patriarcas do Antigo Testamento, iriam abranger horizontes mais vastos. Por meio de uma estrela, como diz a oração da Missa da Epifania, quis Deus conduzir os gentios ao conhecimento dAquele que nos trouxe a Salvação. Assim se cumpriram as profecias de Isaías que disse: «Andarão as nações ao clarão da tua luz e os reis cercar-se-ão do esplendor que se levanta sobre ti. Ergue os teus olhos e olha à tua volta: todos estes que aqui vês reunidos vêm a ti, os teus filhos virão de muito longe e de todos os lados virão as tuas filhas ter contigo».

*
* *

Há quatrocentos anos, no dia três de Dezembro, morria, nas praias da ilha de Sanchoão, mais um obreiro da vasta seara de Cristo. Pelo amor de Deus e pelo desejo de salvar almas, Francisco Xavier tudo deixara para ir após o chamamento do Mestre: a família, as riquezas e a brilhante fama de expoente máximo no meio intelectual de Paris.

Que se passará, agora, em Goa, neste quarto centenário da sua morte? Ver-se-á, simplesmente, Portugal ajoelhado aos pés do túmulo do Apóstolo numa homenagem sincera a quem dilatou a fé de Cristo por todos os seus vastos domínios? Reduzir-se-ão as solenidades de Goa ao fausto da embaixada especial enviada pelo Governo português e que navegará em todos os mares percorridos pelo santo nas suas lides apostólicas?

A atitude do Governo português expressa dum modo bem singular a gratidão e os sentimentos delicados que alma portuguesa ainda possui.

Um outro aspecto, e esse é o principal, revestirá as solenidades de Goa dum fulgurante brilho. É a Igreja prestando honras a um seu filho que atingiu os cimos da santidade; é Sua Santidade Pio XII enviando um Legado «a latere» a presidir a todas as manifestações religiosas; é um grande número de cristãos membros vivos do Corpo Místico de Cristo, a partirem para Goa a associar-se plenamente às festas; são os cristãos que lá não podem ir, unidos aos que vão, comungando nos mesmos sentimentos. Sim, porque todos os cristãos, sem atendermos a nações ou povos, raças ou línguas, estarão presentes em Goa unidos à Santa Igreja.

Por isso com razão se afirma que a Igreja vai, de novo, recordar a todo o mundo a sua catolicidade. Todavia as razões expostas não são os únicos nem os principais argumentos.

Se a concentração em Goa de uma grande parte da cristandade, mostra claramente a catolicidade da Igreja, não constitui em si mesma, no fundo, uma prova que «à priori» nos autorize a defender a catolicidade do rebanho de Cristo; ela é uma consequência e não um princípio, é uma flor que se colhe e não uma semente que se lança à terra.

A catolicidade da Igreja é a universalidade na aceitação da doutrina católica, a universal comunhão dos fiéis no depósito inesgotável dos merecimentos de Cristo.

Examinando ràpidamente a história, ver-se-á que o antigo modo de vida foi evoluindo com o desabrochar dos séculos, que a ciência pro-

grediu fantàsticamente quer pela reputação dos velhos erros quer pelo valor das novas descobertas e que as religiões se sucederam umas às outras. Só a religião cristã, porque não é de nenhuma época, pôde adaptar-se a todos os tempos sem alteração alguma no seu corpo de doutrina.

Ainda hoje nenhum povo do mundo aceita os costumes de um outro país, embora vizinho, porque, além de ir contra a sua maneira de ser, implicava em certo modo a perda ou diminuição da própria personalidade. Não queiramos que o espírito europeu se identifique com o espírito asiático. Não tenhamos sequer a intenção de aproximar a civilização ocidental da civilização oriental, porque são manifestamente diferentes.

Não se leva a flora das regiões glaciares para o equador, nem se conseguem animais das selvas africanas a passear junto dos mares da Groelândia.

Mas tomemos qualquer verdade da Igreja. Coloquemo-la na América, preguemo-la na Europa, ensinemo-la na África, levemo-la para a Ásia. Em qualquer parte encontra clima propício, em qualquer terreno frutifica.

É este um dos argumentos que maior força apresenta para demonstrar a catolicidade da Igreja. Se assim não fora, como poderia Cristo ordenar aos apóstolos e aos sucessores destes «ide por *todo* o mundo, ensinai *todas* as gentes», se a mesma verdade não pudesse ser aceite em *todo o ponto* do mundo, e em *qualquer ocasião* do tempo?

A prova na sua máxima força, está no argumento teológico: «Ide por todo o mundo». Mesmo que a religião cristã só fosse conhecida numa limitada região da terra, a catolicidade da Igreja mantinha-se aí na ordem do Salvador e na esperança da realização do seu desejo.

Por isso eu dizia que a concentração dos fiéis em Goa não assegurava só por si a catolicidade da Igreja. Em Goa a grande prova está no facto de ali se realizar o desejo de Cristo, de ali ter sido recebida no tempo de Francisco Xavier, a doutrina cristã em toda a sua plenitude.

*
* *

Educar o selvagem, ensinar o ignorante, curar o doente, estabelecer a concórdia, eis o trabalho inicial do obreiro do Evangelho. «O resto vem por acréscimo». Para conseguir o seu fim Francisco Xavier não hesitou em transpor as imensas florestas, atravessar os lagos e os pântanos doentios, trepar aos rochedos e escalar as encostas das montanhas,

enfrentar o perigo dos bárbaros e dos civilizados, esquecer a ingratidão dos homens e não dar pelas afrontas pessoais.

Todos estes trabalhos, perigos e canseiras não passavam de contratempos ou inconvenientes da viagem que Jesus lhe ordenara: «Ide». Uma parte da ordem do Mestre estava cumprida. Agora que tinha chegado que era preciso fazer mais? — Eis, Senhor, que cheguei todo esfarrapado, descalço e faminto. Sinto ainda que uns pedaços de carne me cobrem os ossos, e o meu coração que só bate por ti, ainda anima este pobre corpo. Que queres que eu faça, Senhor?—«Ensinai todas as gentes».

Quantas dificuldades, quantos motivos de desânimo não teria encontrado o santo apóstolo na aprendizagem dessas línguas tão rudes e estranhas, e na adaptação aos usos e costumes tão diferentes dos nossos? A sua bondade atraía os gentios e de sua boca saíam ensinamentos de Cristo, palavras de amor e de conforto. E o baptismo dos numerosos catecúmenos por ele ensinados, não se fez tardar.

Hoje, o cristianismo, graças à acção de Francisco Xavier, progride a olhos vistos em todo o Oriente e tem na Índia um brilhante foco de irradiação.

JOAQUIM J. C. CARDOSO

*«... Todos os perigos a que a gente se expõe aqui, todas as privações e incomodidades que se experimentam pela glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, são outros tantos tesouros donde dimanam imensas consolações.*

*As lágrimas que aqui se derramam são tão deliciosas, que não me recordo de haver experimentado alegrias interiores que lhes sejam comparáveis! Nunca suportei com tamanha facilidade os trabalhos que me impus; jamais me lancei aos perigos com tamanha intrepidez».*

S. FRANCISCO XAVIER

# O Catolicismo nos meios Escolares do Japão

O estudante japonês de 1952 encontra-se diante de problemas angustiantes que seus pais desconheciam.

Agora já não pode consagrar-se inteiramente ao estudo, num esquecimento momentâneo das contingências materiais da alimentação, do alojamento e do vestuário... Muitas vezes obrigado a trabalhar para viver, ele já não pode ser o estudante consciencioso que se prepara ùnicamente para cumprir amanhã a sua missão.

A vida real oprime-o. Para mais a angústia do nosso mundo vai encontrá-lo particularmente sensível, ele que foi criado na confusão do após-guerra: a moral nacionalista que lhe tinham ensinado até aos 12 anos caiu de um momento para o outro e a «Constituição superdemocrática» e pacifista que devia substituí-la começa a mostrar-se já impraticável.

Rearmamento? Neutralidade? Pacto de segurança com a América? Leis interiores «de segurança» a limitar esta «liberdade» tão proclamada desde 1945?

São estes os problemas que na maior parte das vezes opõem o mundo dos estudantes ao mundo dos «homens feitos», que hoje dirigem o Japão.

## O ESTUDANTE PERANTE A SOCIEDADE

É mais alguma coisa que a oposição tradicional entre novos e velhos.

O terrível choque psicológico que com a derrota receberam os que èram então alunos despreocupados dos primeiros anos fez-lhes perder toda a confiança nos mais velhos, que então eram soldados e hoje ocupam uma posição na sociedade.

A separação ainda mais se acentuou a partir daí, e o estudante de 1952 tem a impressão de que o seu próprio destino de estudante é totalmente incompreendido, por aqueles que conduzem hoje os destinos do Japão.

Por detrás de cada medida de segurança ditada, segundo se diz, pelas circunstâncias actuais, o estudante pressente a reacção, a marcha atrás, o retorno ao grande engano de que o povo japonês já uma vez foi vítima.

A crise torna-se mais aguda com a aproximação do fim dos estudos e a entrada na vida pública. Quando forem aos exames de admissão nas firmas e gabinetes, eles sabem que terão pela frente esta pergunta: «E você, que pensa?» O dilema é evidente: ou renegam as suas convicções políticas ou apanham com a porta no nariz.

Por isso é fácil adivinhar como a vida inteira do estudante é toda uma obsessão contínua, pela consciência da sua oposição à sociedade estabelecida. Quer ele ouça uma conferência, ou leia um livro, ou veja um filme, é esta inquietação que está sempre por detrás de todas as suas reflexões.

## O PROBLEMA RELIGIOSO

Para tais estudantes o que pode significar a «religião»? Na maior parte dos casos ela é sinónimo de fuga, de retirada, ou para ser mais claro, ela é sinónimo de um mundo completamente estranho ao mundo atormentado em que eles vivem; representa um mundo «off limits» como dizia um deles. Longe de lhes parecer capaz de lhes resolver os seus problemas, de lhes dar uma razão de viver, a religião apresenta-se-lhes como um mundo onde se não pode entrar sem fechar os olhos a todos estes problemas angustiantes, e sem os afastar das suas preocupações.

E o mais alarmante é ver como os próprios estudantes católicos não chegam a compreender o tormento dos seus irmãos descrentes. Pode mesmo dizer-se que às vezes até se gloriam da «diferença» que os separa deles.

Bastaria citar aqui o caso de estudantes, baptizados após um catecumenato fervoroso e que se foram embora outra vez, desenganados com a tranquila indiferença dos seus irmãos católicos para com as questões que os preocupam e angustiam.

Estes casos não são raros e só provam que o Catolicismo ainda não entrou bem no mundo escolar autêntico, ou, mais exactamente, que a actual cristandade japonesa ainda não está suficientemente aberta a este mundo.

*Boletim da A. I. F.*

# Pela Imprensa estrangeira

**«Pedagogia do sentido da Igreja»** — O número de Junho da «Nouvelle Revue Théologique» traz-nos um excelente trabalho do P.e André Brien, Assistente da Escola Normal Superior de Paris.

O Autor refere-se a esta deformação do sentido da Igreja, mesmo entre os rapazes de elevada formação cristã que na Igreja não vêem mais que o aspecto negativo, «uma autoridade que reivindica direitos e impõe a sua suzerania». E apresenta-nos a sua contribuição valiosa, num artigo de inegável utilidade para a pregação, esforçando-se por levantar uma pedagogia que «faça descobrir progressivamente à consciência a totalidade do mistério da Igreja».

A primeira função da Igreja é o despertar para a fé: podemos chamá-la a *função profética,* que passou-despercebida no ambiente cristão que, a Idade Média oferecia aos homens.

«A situação espiritual dos nossos contemporâneos é muito diferente. Progressivamente se foram laicizando o Estado, a cultura, a profissão e a família, assim como a atmosfera geral das cidades e dos meios rurais. No quadro da sua existência ordinária, nada vem afirmar ao homem o dom de Deus. E pela simples influência das estructuras sociais, o homem está inteiramente privado do anúncio do reino de Deus».

A Igreja é o único testemunho de uma existência espiritual, mas já não consegue penetrar tão fàcilmente nessas estructuras. Inconscientemente embora, espera-se dela alguma coisa, mas nada se aproveita porque se olha para ela com muita desconfiança.

A Acção Católica permitiu uma resposta a todas estas inquietações. Os sacerdotes comunicam aos militantes a sua visão do mundo e através destes a mensagem é anunciada e penetra em todos os meios do mundo actual. Nunca será demais insistir na importância desta evolução providencial, mas a sua eficácia implica três condições.

Antes de mais nada é necessário que o Padre não se feche em si mesmo mas conviva com todas as pessoas que lhe estão confiadas, mesmo no simples plano da amizade e da educação humana.

«Efectivamente o mundo não precisa só de um testemunho sobre as virtudes naturais, mas precisa também, e em primeiro lugar, de uma afirmação da transcendência de Deus. Por isso é necessário que a realidade da existência divina transpareça na vida e nas palavras do Padre, para que em seguida possa transparecer na acção dos leigos... Os nossos contemporâneos desejam encontrar Santos e procuram-nos por toda a parte, mais ou menos conscientemente; porque os Santos é que fazem conhecer o Deus Santíssimo».

Segunda condição para que a Igreja exerça autênticamente esta missão profética: esta afirmação de Deus deve ser pura, liberta de todos os elementos estranhos. «Mesmo quem não conhece Deus, pressente já que Deus é vida... E pensam irresistìvelmente: se a união a Deus não produz a alegria, nem a paz, nem a fortaleza, não passa de uma palavra... Deus não existe».

Terceira condição: a Liturgia deve restaurar o sentido do mistério. A nossa palavra tem de ser humilde e forte, sempre animada pelo sentimento da presença de Deus.

Mas a Igreja não há-de só despertar a Fé, deve também fazer-nos crescer na fé. «O Cristianismo procura conduzir o homem à familiaridade com as realidades divinas que implica a vida sobrenatural».

Esta função da Igreja exerce-se pelo ensino, pelo ano litúrgico, que nos liga às realidades históricas da vida do Senhor e pelos Sacramentos.

Só no interior da Igreja pode realizar-se esta pedagogia. «A Sagrada Escritura não

pode cumprir a sua missão de «sinal» senão apresentada e interpretada pela Igreja, porque foi feita para a Igreja, sob a moção do Espírito Santo». Fora da Igreja, o ano litúrgico não tem consistência e os sacramentos não conservam a sua eficácia.

Finalmente, o P.e Brien resolve duas objecções fundamentais: eis a primeira: «a Igreja é uma instituição autoritária e hierárquica que impede o desenvolvimento da personalidade e lhe tira todas as possibilidades de investigação tanto na ordem humana como na ordem espiritual».

A incompreensão desta dificuldade é um problema de fé! «A ortodoxia não suprime a capacidade de criação espiritual, antes a estimula abrindo-lhe novas perspectivas e indicando-lhe o caminho. Os dogmas não são conceitos mortos, mas os sinais exactos de uma realidade viva que a fé nunca deixará de sondar... A sua formulação precisa não pode ser obstáculo para o espírito porque todos eles dizem respeito a Deus, de quem nos manifestam a natureza e os dons; e para quem sabe aproximar-se de Deus pela fé, Deus é sempre novo».

Há também a tentação de separar Deus e a Igreja, com os seus ministros. Isto é esquecer que «na Igreja é que está o factor da purificação radical e da deificação dos actos dos seus membros». Importa insistir nesta verdade. Deus quis que O atingíssemos pela Igreja.

Outros lamentam que a Igreja viva separada dos meios diversos do mundo actual. Está em moda acusar os cristãos da sua «auto-suficiência», do seu «espírito de capelinha», completamente fechado às aspirações do homem actual. Mas a experiência mostra-nos ambientes completamente transformados pelo fervor de uma pequena comunidade cristã. Portanto só há uma explicação possível: a falta de fé dos cristãos «na medida em que aumenta a união a Cristo, mais se desenvolve a sensibilidade para os diversos aspectos da condição humana e mais o cristão se torna irmão dos outros homens».

Em resumo, «a pedagogia de sentido da Igreja não é mais que a pedagogia da fé em todas as suas dimensões... Quando fizermos compreender aos nossos contemporâneos que a Igreja vive da fé e para suscitar a fé, teremos eliminado os obstáculos que os mantêm numa atitude de reserva».

«Isto não quer dizer que teremos feito desaparecer os motivos interiores que tornam a fé difícil... Porque há um certo universo de introspecção, de crítica apoiada só nas forças da razão, de endurecimento em si mesmo e de vontade de poder absolutamente incompatível com a fé e que irá desaparecendo à medida em que a fé cresça. É o que o Senhor quis dizer quando afirmou: «Qeum não renuncia a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo».

**«O Catolicismo no Canadá»** — Os problemas do continente americano adquiriram em nossos dias um interesse excepcional. E embora não seja o único, um dos aspectos que mais nos atraiem é o da penetração do Catolicismo nos países americanos.

A este respeito, o número de Setembro de «Relations», revista de língua francesa que se publica em Montreal fornece-nos alguns dados curiosos. O Autor, P. Luigi d'Apollonia, S. J., informa que segundo as últimas estatísticas, a Igreja Católica forma o mais numeroso agrupamento religioso do Canadá, com mais de 6.000.000 de fiéis. Seguem-se-lhe a «United Church of Canada», fusão de três seitas protestantes, com perto de 3.000.000 de membros, e a Igreja Anglicana, com 2.000.000 de fiéis.

Muito embora a percentagem dos Católicos sobre a população total seja já de 43,3 %, é de notar que já em 1901 era de 41 %. Portanto pouco mais se fez do que consolidar uma posição de há 50 anos.

O Autor esclarece a origem do facto: nos Estados Unidos a emigração livre trouxe-lhe um número considerável sobretudo de eslavos e latinos católicos, enquanto no Canadá «a imigração favoreceu sempre os países anglo-saxões e protestantes, e não os países que maior necessidade tinham de colocar os seus excedentes de população».

E a concluir: «Apesar de tudo, a abstracção das estatísticas não é capaz de fazer atingir as realidades espirituais. A vida religiosa de um povo não depende dos meridianos e paralelos de uma Diocese, nem a sua qualidade do Instituto de Estatística. «O Reino de Deus está dentro de nós».

A. Jorge

# CRÓNICA

## Ordenações

É justo que se dê merecido relevo às ordenações, cedendo-lhes nesta crónica o primeiro lugar.

Dia 29 de Junho, dia soleníssimo e de singular importância para o nosso Patriarcado, que aguarda, com mal contida ansiedade, muitos e bons sacerdotes.

Presbíteros foram dez. Uma dezena nem sequer é suficiente para ocorrer às necessidades mais urgentes. Muitos mais seriam necessários, para solucionar o cruciante problema da falta de clero na nossa diocese. Durante o ano que passou, um pároco dos nossos chegou a ter a seu cargo nove freguesias simultâneamente.

No entanto as ordenações são sempre um favor especialíssimo de Deus, e por isso, motivo de grande júbilo e ocasião de acção de graças. É altura de agradecer o prelado excepcional que nos dirige, a cuja solicitude se deve a média anual de novos sacerdotes, registada nos últimos anos, que é notável e muito animadora.

Importa, também, rezar pelos neo-ordenados, e agradecer desde já o vigor generoso da sua saúde e do seu ideal.

*
* *

Nem só para os presbíteros o dia 29 de Junho é luminoso e atraente; também para nós, que ficamos aguardando igual Chamamento, o dia das ordenações é sempre um dia grande. Para alguns é a consagração nas primeiras ordens maiores; para outros, a investidura dos cargos preparatórios pelas menores; para mais outros, o abrir das portas para a prespectiva das ordens, pela Tonsura; para todos os que se entregam à árdua tarefa da formação num Seminário, constituem as ordenações um digno e adequado findar de ano. No limiar das férias grandes, são um estímulo poderosíssimo, incutem-nos especial entusiasmo, radicam-nos na lembrança a altura e a sublimidade do cargo que seremos chamados a desempenhar.

## Arrancada final

Com os exames finais, onde culminam a aplicação e o esforço dispendidos durante o ano, terminou para nós, oficialmente, a laboriosa tarefa, que é o estudo regulamentar.

Começou o descanso, o legítimo e merecido repouso, em vista de uma maior robustez, de uma capacidade de mais frutuoso rendimento.

Nestas circunstâncias, ao cronista, que é também narrador de sentimentos, seja permitido registar o alívio experimentado, a serenidade finalmente alcançada, quando, pela última vez, cada um de nós abandona a sala das provas. É assim a nossa condição. O trabalho nobilita e enriquece o homem, porém desde a sentença ditada no Eden, traz consigo penosas dificuldades, ocasiona o cansaço, implica sacrifícios, daí, a repulsa pelo esforço longo e aturado, até certo ponto humana e natural visto que não nascemos para sofrer.

O tempo providencial para esquecer dificuldades passadas, ganhando nova coragem e novas energias, para reencontrar o prazer do trabalho e a avidez do estudo, é, sem dúvida, o das nunca demais celebradas...

## ...Férias!



Antes de partir, dedicámos algum tempo à organização das «bagagens» espirituais. Passámos dois dias de recolhimento, a reflectir e a orar. Para resistir ao frio tempestuoso, que normalmente nos envolve durante as férias, é preciso sair do Seminário bem quentinho e agasalhado. Para isso, medir bem as dificuldades, espevitar as energias, implorar, sobretudo, o auxílio Daquele que nun-

ca nos abandona, para que nós nunca O abandonemos. Como dizia Santo Agostinho «o mal não está em Deus não vir até nós, está em nós não tomarmos consciência de que Ele está em nós».

Feitas as últimas arrumações, acabadas as despedidas, estabelecidos os pormenores dos encontros, ou das trocas de correspondência, cada um sobrassou as suas bagagens, em que nunca falta uma «trouxinha» razoável de belos projectos, e deu-se a debandada.

Depois da viagem, mais ou menos longa, chegámos a casa. A emoção, sempre nova, de ver os pais e irmãos, a alegria de respirar o ambiente que nos viu nascer, e em que vivemos, despreocupados, a nossa meninice, constituem os primeiros momentos felizes, que as férias nos proporcionam.

Vem depois o contacto com o pároco, e com o movimento paroquial. É a grande oportunidade de conhecer a realização prática, a vida daquilo que no Seminário só vemos em letra de compêndio. Catequese, Acção Católica, questões sociais, problemas de pastoral, tudo assuntos de palpitante interesse actual, e de primeira importância para o nosso futuro. Assim nos entregamos a uma actividade bem diversa da que nos ocupa no Seminário, mas que sem dúvida nos é própria, e grandemente nos enriquece. Não é esquecida todavia, a conveniência de viver em comum, algumas horas, durante as férias. É por isso que...

## ...Também em férias há Seminário!...

Que fim visam os encontros, reuniões e acampamentos, senão o de dar aos seminaristas oportunidade de, mesmo em férias, viver umas horas de seminário?

Sem uma convivência permanente não podem aproveitar-se as conveniências de trocar impressões, dividir tarefas, viver objectivos comuns; e é preciso não perder, de todo, o contacto durante as férias. Além disso, nada melhor para atear energias e reforçar propósitos, que umas horas de reflexão, longe do bulício ruidoso, que até já vai revolucionando as nossas aldeias.

Em Almada, Santarém, Varatojo, Fátima, Tomar, Guarda, pontos centrais nas diversas zonas ocupadas por gente da nossa, realizaram-se por várias vezes, encontros, a que não faltaram, para nos fazerem oportuna e preciosa companhia, o Sr. Cónego Vice-Reitor e os Rev.mos Directores Espirituais, Cónego D. João de Castro e Cónego Dr. Figueiredo.

## O Clan n.º 10 no IX Nacional



Entre tudo o que, de interesse para nós, ocorreu durante as férias, e que, por de algum modo se relacionar com o Seminário, merece referência nesta crónica, avulta, como acontecimento de primeira grandeza, a participação dos nossos seminaristas escutas no Acampamento Nacional, realizado em Coimbra.

O Clan X associou-se a essa grande manifestação de juventude sadia, que o C.N.E. promove de quatro em quatro anos, porque participar representava quase um dever.

Era preciso manifestar a essas centenas de rapazes que povoaram o Choupal, o apreço que nós, futuros padres e futuros assistentes, temos pelo escutismo, como lhe concedemos o lugar de primazia entre os movimentos de formação da juventude. Quisemos demonstrar-lhes que levamos a sério, realizando-a desde já, a mística escutista, que lhe reconhecemos valor e eficiência, e que adoptamos, logo desde o Seminário, os geniais princípios, que, sobre problemas de rapazes, o genial Baden-Powel estabeleceu.

Constituiu apoteose inesquecível esse grande encontro de toda a família escuta, este ano muito valorizado com a presença de várias delegações estrangeiras.

Foram ingleses, alemães, espanhois, franceses, austríacos, dinamarqueses, belgas... e portugueses, todos irmanados pela vontade de muito aproveitar, servindo o mais possível, segundo o lema dos caminheiros.

Como sempre acontece em iniciativas escutistas, o IX Nacional foi pródigo em manifestações daquela cultura e daquela arte de feição muito característica e original, mas de apreciável valor. Neste ponto, foi notável o contributo dos estrangeiros, que apresentaram lindas canções e bons números de fogos de conselho, bem reveladores da mentalidade e temperamento das nações representadas.

A. Tavares

IMAGENS — MISSAIS
PARAMENTOS
LIVROS RELIGIOSOS

E

TODOS OS ARTIGOS
PARA O CULTO

# LIVRARIA CATÓLICA

Casa fundada em 1866

SOUSA TAVARES, L.DA

220 — RUA AUGUSTA — 222 Telefone 2 7757 LISBOA

Pratas de arte, jóias, bronzes artísticos, pratarias para o Culto

realizadas pela célebre
**OURIVESARIA ALIANÇA**
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

**Fornecem-se orçamentos**
**Preços módicos**
**OURIVESARIA ALIANÇA**
**Celestino da Motta Mesquita**
Proprietário

Sede:
**Rua das Flores, 191 a 211**
PÔRTO

Filial:
**Rua Garrett (Chiado), 50**
LISBOA

## C. SANTOS

**LANIFÍCIOS**

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços-Exclusivos
Secção de cachecois e lanifícios de côr
DESCONTOS E PRAZOS
**COVILHÃ**

**Cafés**
**Chás**
**Farinhas**
**Cevadas**
**Chocolate**
**Cacau**
**Pudins**
**Flocos de Aveia**
O melhor que se produz e se prepara, é o que vende
**A Mariazinha**
Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas
Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28
Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

TRABALHO DA NAÇÃO
PARA A
ECONOMIA DA NAÇÃO

SACOR

UM ESFORÇO DIÁRIO DE
800
PORTUGUESES

**S A C O R**

EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

**MÁRMORES E CANTARIAS**

*Pardal Monteiro, Limitada*

(Casa fundada em 1888)

Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO

EM LISBOA:
Estrada de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA FÂNZERES

OFICINAS DE IMAGENS, PINTURAS, DOURAMENTOS E OBRAS DE TALHA. RESTAUROS. PINTURAS DE TELAS E CETINS. ARTIGOS DE METAL.

RUA DO SOUTO, 134 – BRAGA

TELEFONE 2704

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

**CASA PORTUGUESA**

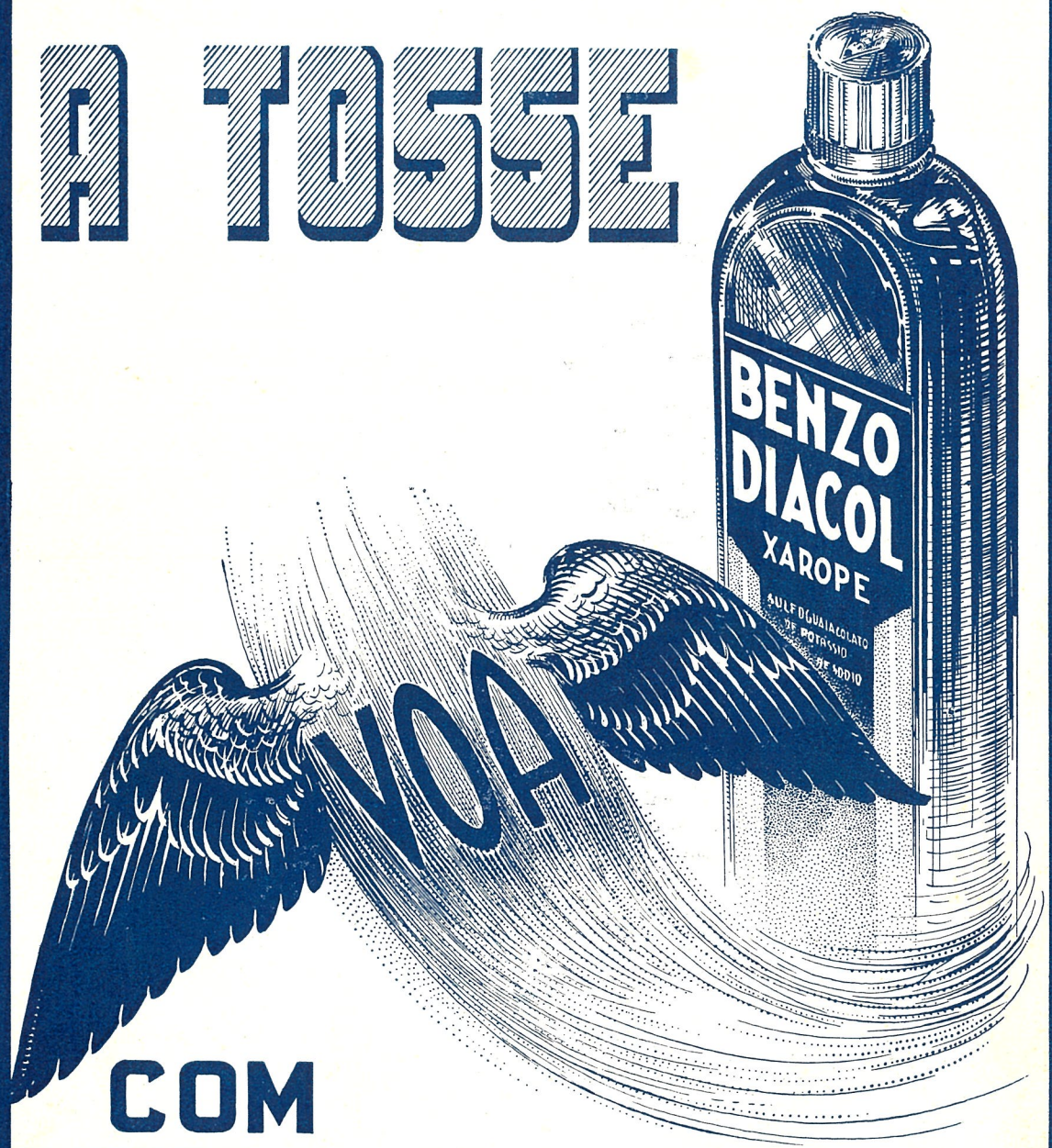
Grandes oficinas gráficas
Composição mecânica

RUA DAS GÁVEAS, 103
TELEFONES P. B. X. 21271-27817
LISBOA

## Assinaturas pagas directamente:

P.e Agostinho Gomes
P.e Dr. Duarte de Araújo
D. Elvira de Carvalho
P.e João Evangelista de Jesus Matos
Cón. António Campos
P.e António Gonçalves Pedro
Conde de Antas
P.e Manuel Alves Lourenço
Eng. António Líbano Monteiro
Cón. Fernando Duarte
Centro de A. Social de Valado de Frades
P.e José Félix
Condessa de Margaride
D. Fernando Pereira Coutinho
P.e José Mendes Sarrazina
P.e Adriano Simões Santos
D. Ludovina do Rosário Rosa
P.e Henrique Policarpo Canas
D. Judith Correia de Lacerda
P.e António Joaquim Nicolau
Dr. Henrique Bernardo Gonçalves
D. Maria Felismina Franco Falcão

# A TOSSE




COM

# BENZO-DIACOL